

IMIGRANTES ALEMÃS: POR UMA CONTEXTUALIZAÇÃO PARA INTERNAMENTOS NO HOSPÍCIO SÃO PEDRO

ZELINDA ROSA SCOTTI*

RESUMO

O modo de vida a que muitas imigrantes alemãs se submeteram pode ter levado a um descompasso entre o que era idealizado/esperado da figura feminina germânica e a não adaptação a um meio hostil e de muito trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: mulheres, imigrantes, trabalho, internamento.

ABSTRACT

The way of life to which many German female immigrants were submitted may have led to a mismatch between what was thought and expected for the German women in Brazil and the failing adaptation to a hostile environment and a lot of work.

KEYWORDS: women, immigrants, work, internment.

INTRODUÇÃO

Ao longo do século XIX e início do século seguinte chegaram ao sul do Brasil diversos grupos de imigrantes alemães. Servindo a uma política voltada para a formação de colônias que tinham dentre outros objetivos produzir gêneros para o consumo interno, os alemães formaram, com mão-de-obra livre, pequenas propriedades calcadas na produção familiar.

Apesar das dificuldades iniciais, uma vez que os imigrantes eram deixados literalmente à própria sorte, a ideia de que não trabalhariam para outros e que, donos de um pedaço de terra, poderiam almejar autonomia econômica, movia-os o desejo de transformar a família em uma pequena empresa: a presença feminina, mais do que acidente, era fundamental, comandando a casa, auxiliando na lavoura, fornecendo novos braços.

* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS; Bolsista do CNPQ.

Num contexto visto historicamente sob o aspecto econômico, segundo o qual o trabalho imigrante estaria ligado à formação da pequena propriedade (e sua consequente valorização fundiária) e à mudança de estatuto de mão-de-obra escrava para a livre, os alemães são vistos como um bloco único, em que “todos” do grupo pensavam, agiam e trabalhavam com a perspectiva de melhorar de vida. Porém, a despeito de que todos viessem movidos por uma mesma mentalidade de buscar (e alcançar) prosperidade, para os diversos membros do grupo teuto, as particularidades da nova terra eram vistas e sentidas de forma diversa.

As mulheres que permaneceram isoladas nas colônias – muitas das quais embarcaram na aventura da imigração para o Império por escolha dos maridos ou dos pais, e não por vontade própria – tinham consciência das carências que afligiam os imigrantes. Fora da cultura aldeã tradicional européia, *sozinhas num meio ambiente hostil e desconhecido, muitas delas viveram melancolicamente* (RENAUX; ALENCASTRO, 1998, p. 324 – grifos meus).

OBJETIVOS

A não adaptação ao meio, aliada à sobrecarga de tarefas inerentes à condição feminina, poderia ter levado algumas destas imigrantes a um descompasso quanto à “normalidade” de suas vidas, tornando-as suscetíveis de serem excluídas para não “contaminarem” o grupo.

Três são os objetivos deste artigo:

1. Apontar motivações para a vinda de imigrantes ao sul do país;
2. Contextualizar o dia-a-dia das imigrantes alemãs;
3. Tendo por ponto de partida algumas informações sobre internações de mulheres alemãs no Hospício São Pedro, apontar indícios no intuito de contextualizar estes internamentos.

É importante ressaltar que *a idéia principal não são os internamentos* e detalhes sobre os mesmos, mas antes observar *por quais motivos podem ter eles ocorrido*.

Embora o foco deste trabalho sejam as mulheres alemãs, seria impossível realizá-lo de forma correta se a apresentação destas viesse isolada. A presença do *outro* aqui se faz necessária para evitar um julgamento *a priori*, dando a impressão de que “a mulher é mais discriminada, é mais explorada, é mais sofredora, é mais revoltada etc., etc. Nem mais, nem menos, *mas sim diferentemente*” (ENGEL, 2000, p. 334 – grifos meus). A abordagem sugere então um enfoque relacional: o

estudo, quando prioriza a mulher, deve necessariamente contemplar o homem – a compreensão de um estaria “relacionada” ao outro¹.

SOBRE AS FONTES

Não existem dados documentados sobre o dia-a-dia das imigrantes no sul do país que auxiliem numa observação de como viviam, caso dos pequenos hábitos domésticos, por exemplo. Afinal, a observância da história sob um viés feminino se utiliza muitas vezes de dados fragmentados, leituras feitas “pelos margens”, pois os documentos ditos oficiais – atas, relatórios, discursos políticos, etc. – não contemplam a mulher:

Excluídas dos arquivos, dos documentos oficiais, ficaram escondidas [as mulheres] nas ‘tralhas’ dos sótãos e dos porões, entre fotografias amareladas, bonecas de pano, flores secas, algumas cartas e bilhetes [...]. A memória feminina é construída então sobre ‘pequenos nada’s’, testemunhos parados no tempo (FAVARO, 1995, p. 2-3).

Este fragmento indica a dimensão do quanto é árdua a tarefa de escrever história tendo o gênero feminino como temática, devido às dificuldades em apreender os *pequenos nada’s* femininos, expressão exemplar para quantificar/qualificar que as contribuições femininas à sociedade são sabotadas ao historiador já na matéria-prima de que se utiliza: as fontes.

A leitura de textos literários que possibilitam ao historiador encontrar dados sobre a mulher foi uma das alternativas utilizadas neste artigo para a busca de informações.

A escassez de vestígios acerca do passado das mulheres, produzidos por elas próprias, constitui-se num dos grandes problemas enfrentados pelos historiadores. Em contrapartida, encontram-se mais facilmente representações sobre a mulher que tenham por base discursos masculinos determinando quem são as mulheres e o que devem fazer. Daí maior ênfase na realização de análise visando a captar o imaginário sobre as mulheres, [...] a apreensão de seu cotidiano, embora à luz da visão masculina (SOIHET, 1997, p. 295).

¹ Para um melhor entendimento, ver os seguintes artigos: CUNHA, Maria Clementina Pereira. Loucura, gênero feminino: as mulheres do Juquery na São Paulo do início do século XX. *Revista Brasileira de História*, ago/set. 1989; CUNHA, Maria Clementina Pereira. De historiadoras e escandinavas: loucuras, folias e relações de gêneros no Brasil (século XIX e início do XX). *Tempo*, jan. 1998; SAFFIOTI, Heleieth I. B. Violência de gênero no Brasil contemporâneo. In: SAFFIOTI, Heleieth I. B.; MUÑOZ-VARGAS, Mônica (orgs.). *Mulher brasileira é assim*. Rio de Janeiro: Delphos, 1994.

Portanto, os dados aqui apresentados se valerão *também* de fontes literárias² para uma melhor visualização da mulher germânica.

As informações pertinentes aos internamentos no Hospício São Pedro foram extraídas de prontuários médicos e fazem parte da dissertação *Loucas mulheres alemãs: a loucura visitada no Hospício São Pedro (1900-1925)*. Estabelecer as fontes pelo historiador é emprestar a certos objetos outra conotação: uma fonte histórica pode ter tido uma serventia distinta no passado, religiosa, familiar, médica, etc. “Não se trata apenas de fazer falar [...] setores adormecidos da documentação e dar voz a um silêncio [...]. Significa transformar alguma coisa, que tinha sua posição e seu papel, em alguma *outra coisa* que funciona diferentemente” (CERTEAU, 1982, p. 83).

Em suma, prontuários médicos podem tornar-se fontes para o estudo da história no momento em que o historiador perpassá-los por problematizações e interpretações, que os transformarão em fontes para pesquisa.

1. ALEMÃES NO RIO GRANDE DO SUL

A vinda de europeus livres para o Brasil pode ser dividida em duas correntes distintas: colonização e imigração. O primeiro conceito está associado à iniciativa oficial que tinha o intuito de povoar territórios, fixando colonos em pequenas propriedades. Já a imigração ficava sob a égide da iniciativa particular estimulada pelo governo (imigração subvencionada) e tinha por objetivo a “importação” de mão-de-obra para a lavoura de café em São Paulo (PRADO JR., 1961, p. 193).

O verdadeiro sentido da imigração, no entanto, está na estrutura de produção que vigorava no Brasil, calcada na monocultura de café cultivada em grandes latifúndios trabalhados por mão-de-obra escrava negra. Esse sistema se tornaria, à época, um entrave para as ambições de expansão capitalista da Inglaterra que via no negro uma força negativa, uma vez que as necessidades do escravo eram reduzidas: não era ele consumidor. Portanto, a finalidade principal das correntes imigratórias observadas no século XIX está atrelada a um contexto econômico ligado ao capitalismo emergente inglês, e no Brasil, subordinada à grande lavoura cafeeira (LANDO; BARROS, 1981, p. 16-

² Será utilizada como referência a coletânea de contos de ROTERMUND, Wilhelm. *Os dois vizinhos e outros textos*. São Leopoldo: SINODAL; Porto Alegre: Edições EST, 1997, traduzidos por DREHER, Martin. O jornalista Rotermund retratou a vida dos imigrantes ao final do século XIX, porém há um detalhe: Rotermund era evangélico e, portanto, o que informa em seus contos, sobre as mulheres germânicas, pode ser distinto do que escritores de origem católica, como o Padre Balduino Rambo, pensaram sobre elas.

19). A colonização como geradora da pequena propriedade pode ter funcionado como uma propaganda para atrair mão-de-obra livre para os latifúndios paulistas.

2. POR QUE SAIR DA ALEMANHA?

A contextualização acima descrita encaminha à observação de que o fenômeno imigratório teve por causa primeira fatores de ordem econômica e social, isto é, consequência direta do capitalismo emergente industrial que levaria populações camponesas à miséria, obrigando-as a emigrar para a América. É possível visualizar três momentos³ distintos nesse processo, sendo que cada qual estaria atrelado a motivos específicos.

Num primeiro momento que vai de 1824 ao final da década de 40 do século XIX, a miséria impulsionou grandes contingentes de germânicos para fora de suas terras. Más colheitas seguidas de fome ou a fragmentação excessiva da terra para os herdeiros, impedindo a manutenção daqueles que dela dependiam. “Para se fazer uma idéia do grau de divisão da propriedade, basta dizer que, por vezes, o dote concedido à filha casadoira era constituído por uma única árvore frutífera” (WILLEMS, 1940, p. 43). Também a exclusão de filhos seguindo o direito de exclusividade dado ao primogênito à propriedade inteira, circunscreve o problema no campo: são agricultores que vêm ao Brasil procurando por uma vida menos miserável.

Numa segunda etapa, que coincide com o fracasso das revoluções de 1848 e 1849, o deslocamento se daria principalmente por razões políticas, dando origem a um contingente de intelectuais, artesãos e operários. Podem-se observar profissões tais como marceneiros, alfaiates, sapateiros, padeiros, etc., que farão com que esse grupo acabe por se concentrar nos centros urbanos. Essa distinção se faz necessária para desmistificar a homogeneidade dos alemães, tratando-os a todos como agricultores, sem observar diferenças básicas como a profissão ou o meio social de que eram oriundos.

Por fim, a partir de 1870, graças à industrialização encetada na Alemanha, ocorrerá a ruína de artesãos e trabalhadores da indústria doméstica por não terem condições de competir com a produção em alta escala, empurrando-os para fora da Alemanha em busca de oportunidade.

³ As informações a seguir foram extraídas de MAGALHÃES, Marionilde. *Pangermanismo e Nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1998; WILLEMS, Emílio. *Assimilação e populações marginais no Brasil: estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes*. São Paulo: Nacional, 1940; LANDO, Aldair M.; BARROS, Eliane C. *A colonização alemã no Rio Grande do Sul: uma interpretação sociológica*. 2 ed. Porto Alegre: Movimento, 1981.

Existiram outros motivos, como os de cunho religioso observáveis nas perseguições religiosas. Também motivações menores que não podem ser esquecidas, tais como a propaganda feita pelos agentes das companhias de emigração, ou cartas repletas de elogios à nova terra escritas por imigrantes já estabelecidos em solo americano, como demonstram os fragmentos a seguir:

[...] o imperador em pessoa nos visitou. [...] ele se dirigiu de pessoa a pessoa, perguntou a cada um como se sentia [...]. Mandou que nos dessem comida maravilhosa para que cada um pudesse recuperar-se da longa viagem. [...] Quando da repartição da terra, tivemos muita sorte, pois recebemos uma das melhores terras [...]. Recebemos uma casa [...]. Perto de nossa casa corre um rio e em volta da casa há um grande jardim [...]. Vivemos aqui todos os dias esplendidamente e com alegria, como os príncipes e condes da Alemanha [...] aqui ninguém precisa matar-se trabalhando [...] (DREHER, 1995, p. 66-67).

É importante ressaltar que o foragido político ou religioso tem de enfrentar o fenômeno da assimilação, entendida como fusão cultural transmitida pelo convívio e/ou pela educação num tempo muito menor do que aquele que emigra por outras razões. “A tensão psíquica que corresponde ao contraste cultural e social é incomparavelmente mais acentuada e maior, por conseguinte, a possibilidade de desajustamentos” (WILLEMS, 1940, p. 54). Embora não possa deduzir que a história pregressa na Alemanha e os primeiros tempos no Brasil predispuham a desajustes influenciando a futuros internamentos no HSP, o surgimento de desordens mentais a partir da emigração seria um fator a ser considerado. Afinal a saída da terra natal, bem como o grau de tolerância à nova vida, com certeza não foi idêntica para todos.

3. UM NOVO MUNDO E MUITO TRABALHO

Foram localizados prontuários que informam que pacientes e médicos não falavam, literalmente, a mesma língua. As alemãs tornavam-se agitadas por não serem entendidas no idioma que lhes era familiar, contribuindo para que fossem diagnosticadas como loucas. Muitas podem ter sido erroneamente encaminhadas ao HSP e sua internação acabava por ser ratificada pelos médicos que não entendiam o que era dito pelas internas. Interessante salientar que possivelmente para os homens germânicos a experiência pode ter sido diferente. Os documentos sugerem que conheciam o idioma português, talvez o suficiente para serem entendidos.

A vida do imigrante alemão no sul do Brasil esteve associada

sempre a muito trabalho. Tão logo construía a choupana que iria abrigar a família de forma provisória, para sobreviver, lançava mão de plantar. Produtos tais como: batata-inglesa, arroz, feijão, mandioca e milho, produtos locais que foram incorporados ao cardápio, devido à necessidade. Apesar de muitos obterem ferramentas para o cultivo, como foice, facão, machado, serra e enxadão, a floresta que encontraram os obrigou a plantar, de início, entre tocos. Após o corte das árvores, as raízes permaneciam no chão e a demanda para retirá-las poderia ser extremamente demorada. Além dos tocos das árvores derrubadas, rochas que se espalhavam pelos terrenos faziam com que o colono fosse obrigado a plantar entre os espaços existentes, a mão, cavando como índio ou caboclo (ROCHE, 1969, p. 52, 53 e 269).

Diversas cartas da alemã Emilie Heinrichs, que após viver por dez anos junto com o marido no sul do Brasil retornou para a Alemanha⁴, talvez sejam o relato mais próximo da realidade sobre os primeiros tempos dos imigrantes alemães que se aventuraram a vir para “começar do nada”. Embora longo, o trecho transcrito permitirá a observação de alguns dados adicionais:

Nada mais tinha para ver além de mato, mato, floresta virgem. [...]. Que fazer agora, para onde ir com nossas coisas? A floresta não nos podia acolher; nenhum passo se podia fazer dentro dela, ela era cerrada como um muro. [...]. Ele [um amigo que os acompanhava] tomou um machado com formato de foice, afixado num cabo longo, escolheu uma árvore adequada à beira do mato e cortou a vegetação baixa em torno, cana e bambu. Meu marido e eu também pegamos firme no trabalho e uma hora depois estávamos sentados sob o teto fechado de um gigante da floresta, nossa primeira morada na mata virgem. [...]. Quietamente, meu marido estava em pé ao meu lado; encostado na árvore, ele procurou penetrar a mata cerrada com seu olhar. Eu o conhecia bem demais para saber que não se desesperaria, mas sabia também que, se lhe fosse dada novamente a escolha, ele não imigraria mais uma vez. [...]. Só adormeci por algumas horas. Ao chegar a aurora, fui acordada com os ruídos dos golpes de machado que ressoavam pela floresta. *Meu marido se tornara um colono* (apud RENAUX, 1995, p. 7 – grifos meus).

A carta muito bem escrita e a observação de que o marido se *tornara* um colono informa um ponto extremamente importante: quem eram as alemãs que para cá vieram? Não foram apenas imigrantes

⁴ Esta alemã, Emilie Heinrichs, fixou residência em Brusque/SC, quando a cidade contava com apenas 200 habitantes. As agruras por que passou pouco devem ter diferido das experiências das germânicas que vieram para o Rio Grande do Sul, além de tratar-se de testemunho *in loco*. As cartas estão traduzidas na obra de RENAUX, Maria Luíza. *O outro lado da História: o papel da mulher no vale do Itajaí 1850-1950*. Blumenau: FURB, 1995.

miseráveis que aqui chegaram em busca de prosperidade?

É necessário que se entenda que as mulheres alemãs não eram iguais, viviam realidades distintas, circunscritas estas à situação socioeconômica em que estivessem inseridas.

4. UMA ETNIA, MUITAS MULHERES

Na grande propriedade rural na Alemanha, a mulher ficava sob o jugo da autoridade máxima que era o marido. Este comandava a conduta da mulher, tanto quanto dos filhos e dos empregados. As decisões daquela, muitas vezes, só ocorriam de forma indireta, quando conseguia influenciar o marido. “Ao homem cabiam os cuidados com a plantação e os pastos [...]; à mulher cabia a administração de tudo o que se referia à casa” (RENAUX, 1995, p. 19). Ficava ao encargo dessas mulheres a confecção das roupas de lã e linho, ambas de fabricação própria. Tinham criadas que cuidavam dos estábulos sob suas ordens. Muitas emigraram sem nunca terem pegado na enxada.

O relato a seguir esclarece que nem todas que emigraram eram agricultoras em sua terra natal: “Como teste levei o machado, com o qual deveria ser limpa a capoeira à mão: meu marido riu ao ver como eu era inábil. Mas é que isso não era nem uma panela, nem uma agulha de costura, era necessário aprender a trabalhar dessa forma” (RENAUX, 1995, p. 80).

Entre os camponeses pobres na Alemanha, a mulher fazia o mesmo trabalho do homem. Tanto ela como os filhos a partir de 7 e 8 anos, levantavam-se diariamente às 2 horas da manhã para iniciarem, uns, os trabalhos no estábulo, outros, iam para o campo ceifar. Mesmo quando na condição de camponesas, muitas dessas mulheres podiam contar com o auxílio de criadagem. Nos pequenos e médios estabelecimentos agrícolas, as mulheres eram igualmente responsáveis pela produção, mas se estava a mulher acima da criadagem, estava ela abaixo do marido, e não a seu lado (RENAUX, 1995, p. 16-22).

As famílias dos pequenos proprietários rurais e dos jornaleiros tinham existência miserável, sendo que a mulher tinha de trabalhar para si e para os outros. Também entre os proletários dos campos havia aqueles que empobreceram e foram engrossar as fileiras de mão-de-obra nas fábricas. Todos aqui têm uma coisa em comum: a miséria e a falta de esperança de melhorar de vida (REANUX, 1995, p. 22)⁵.

Por fim, os artesãos. As esposas daqueles estabelecidos em aldeias

⁵ A autora não esclarece, mas é provável que a criadagem que servia os mais afortunados sáisse desse meio.

eram sobrecarregadas de trabalho, uma vez que, devido às dificuldades econômicas da época, seus maridos eram obrigados a sair em busca de trabalho longe de casa. Ficavam elas a sós com todos os afazeres, inclusive os do campo. Quanto às esposas dos artesãos residentes nas cidades, estas ficavam encarregadas em auxiliar na produção da pequena indústria doméstica, cabendo-lhes a venda dos produtos artesanais feitos na oficina, bem como o ensino dos jovens aprendizes. Dentre todas as mulheres apontadas neste breve resumo, as esposas de artesãos das cidades poderiam ser consideradas companheiras de seus maridos, estando ao lado destes (RENAUX, 1995, p. 24-25).

5. AGRICULTORAS, MORADIA E FILHOS

Dos prontuários trabalhados (142⁶), 53 eram de homens e 89 de mulheres, portanto era maior o número de mulheres alemãs internadas (62,6%) do que de homens (37,3%) homens alemães. Interessante notar que, enquanto 35,8% (7) homens casados foram internados, o número sobe para 41,5% (17) de mulheres alemãs casadas.

É possível que muitas detivessem o conhecimento das artes de fiar e costurar, mas esses ofícios, temporariamente, foram deixados de lado. As mulheres alemãs que se deslocaram para o Rio Grande do Sul não vinham para auxiliar na agricultura: diante da imposição do meio, elas se tornaram agricultoras. Em levantamento feito junto a famílias de General Osório, registrou-se que os filhos, tanto do sexo masculino quanto feminino, eram agricultores, e que ao se casarem, as moças acabavam na maioria por contrair matrimônio com colonos, permanecendo ligadas ao trabalho na terra até o fim da vida (ROCHE, 1969, p. 362-367).

Se a moradia no princípio era choupana coberta de ramagens e ficava desprotegida do vento e do frio, quando o colono melhorava o suficiente para construir outra habitação, esta também acabava por apresentar alguns inconvenientes. As casas *enxaimel*, embora empregassem material como madeira e tijolos, eram diminutas: 12m², 26m². As que possuíam dimensões tais como 80m² tinham o privilégio de possuir janelas com guilhotina e vidros, mas geralmente o mobiliário era raro, sendo que as roupas eram penduradas em pregos e não em armários próprios; e não havia instalação para vaso sanitário e escoamento de água. Cabe ressaltar que as colônias no Rio Grande do Sul possuem exemplos de lindas e espaçosas casas, porém, estas estavam condicionadas às posses de seus proprietários. Afinal, as residências que tinham argamassa

⁶ Os 142 prontuários de germânicos foram coletados em um universo de aproximadamente mil prontuários do HSP pertinentes ao período de 1900 a 1925.

em sua construção, isto é, necessitavam de areia, precisavam que os donos tivessem recursos para o transporte do material que ficava a grandes distâncias dos pontos de construções (ROCHE, 1969, p. 199, 201 e 207).

A referida casa de 80m² possuía quatro quartos, e seria de bom tamanho, não fosse o número de filhos que os casais alemães tinham: uma média de 8 a 9 filhos para mulheres que se casam entre 15 e 19 anos e de 7 filhos para as que se casam entre 20 e 24 anos (MAGALHÃES, 1998, p. 21). Essa elevada taxa de natalidade justificava-se porque o empreendimento agrícola dificultado pelo meio, como descrito acima, onde o imigrante teve que domar florestas, exigia mão-de-obra abundante. Mais do que a riqueza do colono, sua sobrevivência dependia dos braços dos filhos que nasciam. Talvez as relações pré-nupciais que foram registradas entre teuto-brasileiros no Espírito Santo, “seguidas de casamento em caso de gravidez” (WILLEMS, 1940, p. 210 – grifos meus), estivessem ligadas à necessidade de a noiva ser fértil e poder cumprir de forma satisfatória seu papel principal que era o de prover de braços a pequena propriedade.

6. A ALMA DA CASA

A melancolia que pode ser caracterizada por “estados prolongados de humor triste, depressivo” acometeu 15 das alemãs internadas. Porém entre os homens germânicos também foi apurado o diagnóstico de melancolia (10 teutos).

Cabia à mulher alemã uma responsabilidade maior

Preserva o que te é familiar, mulher alemã. *Tu és a alma da casa, o espírito protetor de teu povo*, o esteio de bons costumes. [...] Faze todo o sacrifício para que aprendam [os filhos] coisa de valor. Nós, alemães, temos que preservar nosso vigor; temos grandes tarefas a cumprir neste país. Para tanto, porém, não podemos prescindir da colaboração da mulher (ROTERMUND, 1997, p. 154 – grifos meus).

Ser a alma da casa, espírito protetor de teu povo, era uma idealização do papel da mulher na comunidade teuta. Este *ideal de Frau* (ASSIS, 1998, p. 65) era repassado, ensinado de forma peculiar por meio de panos de cozinha pregados como painel na parede. Mais que peça de ornamento, onde eram bordados (pelas mãos femininas da casa) provérbios “ilustrados com cenas alusivas aos ensinamentos” transformava-se em meio de propagar o comportamento ideal de uma mulher germânica. Alguns dos provérbios:

*Esforço traz pão; preguiça, necessidade;
Quem diligente obra durante o dia, se sente bem à noite;*

*Quem muito descansa, enferruja;
Onde o trabalho vigia a casa, não entra pobreza;
Nunca te queixes do dia que traz trabalho e fadiga; é tão bonito cuidar da
gente que se ama* (ASSIS, 1998, p. 65-67).

Eles informam sobre um mundo de trabalho sem fim. O labor era observado na lavoura, na casa e no desempenho invisível de preservar tradições. Era de se prever que os que não viviam na roça advertissem seus conterrâneos que a mulher era imprescindível no lar, mais que no cabo da enxada: “E quando a mulher passa o dia todo na roça ao lado do marido, muita coisa que deveria estar acontecendo em casa para a educação dos filhos e para que o mundo doméstico fique em ordem deixa de ser feita” (ROTERMUND, 1997, p. 148).

No lar, a jornada se estendia até final do dia quando “a mulher ainda lavava a louça, fechava a porta da cozinha e era a última a ir à noite para a cama; pela manhã era a primeira a deixá-la” (ROTERMUND, 1997, p. 149). Em meio adverso, distinto daquele deixado na Alemanha, além de adequar-se ao novo ambiente, muitas alemãs procuravam auxiliar na adaptação do companheiro, que nem sempre ocorria de forma tranquila. Um dos contos de Rotermund, em que uma alemã relata por carta à mãe na Alemanha seus primeiros tempos no Brasil, informa um pouco sobre esta questão:

Não sabes de meus tormentos, quando ele novamente voltava completamente embriagado para casa. [...] No começo, Ferdinand era bom e ordeiro. [...] E, então veio uma série de desapontamentos! Não se encontrava trabalho; houve muita correria e incomodação por causa da colônia e da mudança para lá. Não entendíamos a língua e parecia-nos como se nos preparassem muita inquietação e como se, além disso não cumprissem o que nos prometiam. Por isso, Ferdinand, incomodado, bebia mais do que lhe fazia bem. [...]. No início, meu marido trabalhava esforçadamente, mesmo que de vez em quando a aguardente o vencesse. Mais tarde, quando se relacionou com o vizinho, muito dia se perdeu. Ora estava sentado na venda, jogava cartas e bebia. Depois saía a caçar (ROTERMUND, 1997, p. 93-96).

A bebida, refúgio para a insatisfação com o novo meio, revelava-se um sobrepeso para as que tinham o infortúnio de conviver com alcoólatras. Mas “uma *Frau* jamais perde o senso prático: mesmo que sua própria mãe tenha acabado de morrer, ela vai manter o controle da situação” (ASSIS, 1998, p. 66).

A figura idealizada da mulher, sempre forte mesmo nas adversidades, sugere que algumas podem não ter correspondido às

expectativas da comunidade, e os internamentos no HSP são indícios dessa atitude de exclusão social.

CONCLUSÃO

O intuito do trabalho foi o de recuperar informações sobre os primórdios da vida dos imigrantes no sul do país, em específico sobre as mulheres, numa tentativa de contextualizar internações de teutas no Hospício São Pedro.

Com base nas informações retiradas da literatura, cartas e bibliografia, é possível acreditar que o modo de vida, totalmente novo às germânicas, pode ter condicionado os internamentos no HSP.

Parece evidente que as dificuldades dos primeiros tempos não foram sentidas de forma idêntica por todas as mulheres germânicas. No entanto, para as que foram internadas no hospício a reclusão pode ter sido determinada por comportamentos como tristeza, melancolia ou mesmo ausência de entendimento (por parte dos médicos) do que sentiam e pensavam. Também parece apropriado refletir se os internamentos de mulheres casadas não estariam condicionados ao que se esperava delas: serem a alma da casa, fortes mesmo nas adversidades.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Valesca de. Uma frau construída com palavras. In: FISCHER, Luís A.; GERTZ, René (Orgs.). *Nós, os teuto-gaúchos*. 2 ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. Loucura, gênero feminino: as mulheres do Juquery na São Paulo do início do século XX. *Revista Brasileira de História*. ago.-set. 1989.

_____. De historiadoras e escandinavas: loucuras, folias e relações de gêneros no Brasil (século XIX e início do XX). *Tempo*, jan. 1998.

DREHER, Martin. O fenômeno imigratório alemão para o Brasil. *Estudos Leopoldenses*, São Leopoldo, v. 31, n. 142, maio-jun. 1995.

ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000.

FAVARO, Cleci. *Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências – Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul - 1875/1950*. Porto Alegre, 1995. Tese [Doutorado] – PUCRS.

LANDO, Aldair M.; BARROS, Eliane C. *A colonização alemã no Rio Grande do Sul: uma interpretação sociológica*. 2 ed. Porto Alegre: Movimento, 1981.

PRADO JR., Caio. *História econômica do Brasil*. 6 ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.

MAGALHÃES, Marionilde. *Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPEESP, 1998.

RENAUX, Maria L.; ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Caras e modos dos migrantes e imigrantes. In: NOVAIS, Fernando A. *História da vida privada no Brasil: Império, a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *O outro lado da história: o papel da mulher no vale do Itajaí 1850-1950*. Blumenau: FURB, 1995.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969. v. 1.

ROTERMUND, Wilhelm. *Os dois vizinhos e outros textos*. São Leopoldo: SINODAL; Porto Alegre: EST, 1997.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Violência de gênero no Brasil contemporâneo. In: SAFFIOTI, Heleieth I. B.; MUÑOZ-VARGAS, Mônica (Orgs.). *Mulher brasileira é assim*. Rio de Janeiro: Delphos, 1994.

SOIHET, Raquel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro:

Campus, 1997.

SCOTTI, Zelinda R. *Loucas mulheres alemãs: a loucura visitada no Hospício São Pedro (1900-1925)*. Porto Alegre, 2002. Dissertação [Mestrado] – PUCRS.

WILLEMS, Emílio. *Assimilação e populações marginais no Brasil: estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes*. São Paulo: Nacional, 1940.